

Kissimbiê: Águas do saber. Compreendendo a política de musealização como estratégia das comunidades-terreiro.

Elizabeth Castelano Gama¹

Resumo O artigo propõe analisar a criação e dinâmica de exposição do memorial *Kissimbiê: Águas do saber* no terreiro Mokambo em Salvador/BA. O memorial está inserido no projeto de doutorado *Lugares de memórias do povo-de-santo: patrimônio cultural entre museus e terreiros* que estuda a prática de patrimonialização de objetos relacionados ao Candomblé através de museus dedicados ao tema. Entendo a criação desses memoriais a partir de uma dinâmica de busca por outro tipo de visibilidade na sociedade que tem parceria com projetos de política pública. Esses memoriais ampliam o debate sobre a patrimonialização do Candomblé para além dos processos de tombamentos de terreiros.

O museu permite que as populações ganhem em conhecimento sobre si mesmas, sobre sua própria história, e se tornem conscientes do seu valor. Neste espelho, a comunidade se vê, se reconhece, se acha 'bela' e aprende a se amar².



¹ Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense. Professora de História da rede municipal do Rio de Janeiro. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES sob orientação da Professora Doutora Ana Maria Mauad Essus.

elizabethcastelano@yahoo.com.br

² SOARES, Bruno C. B. SCHEINER, Terza C.M. As ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. Anais do X ENANCIB. João Pessoa : Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação , 2009. X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), realizado em João Pessoa, Paraíba, nos dias 25 a 28 de outubro de 2009.

O artigo sobre o memorial *Kissimbiê: Águas do saber* está inserido em uma pesquisa mais ampla sobre diversos museus no país que, de alguma forma, possuem em seu acervo objetos que remetem à religião Candomblé. O objetivo da pesquisa é analisar as diversas formas que são contadas a história da religião de matriz africana no Brasil.

Assim, selecionei diferentes tipos de museus. Temos os museus que classifiquei como *museus da África no Brasil*, representados pelos Museu Afro-brasileiro em Salvador e o Museu Afro-Brasil em São Paulo. Ambos possuem vasto acervo sobre a diáspora negra e incluem em suas temáticas o Candomblé.

Como segunda classificação, temos 4 acervos que denominei de *museus da repressão*. São aqueles nos quais as coleções têm ligação direta com os objetos apreendidos pela polícia no início do século XX. São objetos que formam um acervo que tem origem na repressão à prática do Candomblé. Estas coleções estão localizadas nos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Alagoas.

E, por fim, apresento o terceiro grupo analisado que são os museus comunitários. São museus e memoriais que estão localizados dentro de comunidades-terreiro. O memorial *Kissimbiê* está agrupado nesta última categoria. Mas antes de observar sua criação e dinâmica, gostaria de delimitar o uso do conceito de museu comunitário que emprestei do campo da Museologia para justificar a relevância da categoria para a compreensão da relação entre a criação de museus dentro de terreiros e a história que temos o objetivo de analisar.

Sobre museus comunitários e o “não-público”.

A crítica ao caráter elitista dos museus atravessou a metade do século XX e ainda ecoa nos dias atuais em encontros da área de Museologia e Patrimônio pelo mundo. Considerados como instituições burguesas pelo movimento de estudantes parisienses que gritavam nas ruas na década de 1960, os debates e estratégias de tornar o espaço

museal um local plural de construção de identidades continua bastante atual. O slogan *la jaconde au metro* renegava o público tradicional que frequentava os museus. A busca era pelo *não público*.

As práticas político-sociais da vida em sociedade atingem inevitavelmente e fazem refletir o campo do saber acadêmico. Um movimento conhecido no campo da História, a *nouvelle histoire*, questionou um modo de se pensar e escrever a História e propôs novos problemas, abordagens e objetos. Podemos comparar a tentativa de quebra do paradigma tradicional no campo da História com o que ocorreu na área da Museologia.

Movimento conhecido como a Nova Museologia, houve a escolha do museu como um campo de reflexão teórico e epistemológico e um espaço para a política de democratização cultural. Surgem novas propostas para o uso da instituição.

(...) Da apreciação crítica de que, até aí, o museu tinha sido um instrumento ao serviço das elites sociais e intelectuais, é entendido que a continuação da sua existência deve passar pela sua transformação em instituição ao serviço de todos e utilizado por todos. O museu pode e deve ser um instrumento privilegiado de educação permanente e um centro cultural acessível a todos³.

Segundo Alice Duarte, de importância crucial nesta renovação conceitual foi o papel dos antropólogos nos museus etnográficos ao reforçarem a necessidade de contextualizar os objetos destituídos de seu valor intrínseco, ou seja, separados e exposto fora de seus ambientes de origem. A contextualização situa os objetos dentro de um discurso expositivo.

Com a missão de transformar o museu em um instrumento de aprendizado, surgiram as propostas inovadoras de criação de outros

³ DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. Revista Museologia e Patrimônio. PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013. p.101

tipos de museus: o ecomuseu e o museu da comunidade, os museus comunitários.

Interessa-me a delimitação do uso da categoria de museus comunitários inserido em uma nova dimensão social atribuída ao espaço museal para definir em quais termos são pensados os memoriais criados dentro das comunidades-terreiro.

Ao escolher trabalhar com a categoria de museus comunitários para compreender a criação de memoriais em terreiros de Candomblé sugeri que essa política de musealização pode ser entendida como uma das estratégias de visibilidade e de afirmação de identidades.

A ausência de representação em museus pelos estados brasileiros sobre religiosidade de matriz africana unida ao desejo expresso de fazer conhecer a sua história, parece levar cada vez mais à prática de musealização dos terreiros. Dessa forma, apesar de não estar expressa na fala nenhum sacerdote que entrevistei até o momento, que seus memoriais enquadram-se em uma categoria, veremos que a iniciativa de criação desses espaços memoriais são bastante similares a escritas dos pesquisadores que pensam epistemologicamente os museus comunitários como espaços nos quais o principal elemento a se exibir são as experiências sociais. E, o principal, nesses espaços a comunidade não é apenas tema ou público, é ator ao criar conceitualmente a narrativa a se exposta e gerir administrativamente o memorial. São discursos museológicos e memórias construídas por vozes até agora ausentes nos museus tradicionais. Acredito que os museus comunitários em terreiros possibilitam um não-tema a um não-público.

Memorial Kissimbiê: Águas do saber.

Criado e gerido pelo sacerdote Anselmo Santos, o memorial *Kissimbiê* localiza-se dentro da comunidade terreiro *Mokambo*⁴, fundado em 1996 no bairro Vila Dois de Julho em Salvador.

Estudando a história do Candomblé no século XX, podemos perceber um considerável fluxo migratório de sacerdotes que se dirigiram ao Centro-Sul do país vindos do Nordeste. A história do Senhor Anselmo Santos não seguiu este fluxo. Nascido e iniciado no culto aos Orixás no Rio de Janeiro, Tata Anselmo constituirá sua trajetória sacerdotal a partir dos anos 1980 na Bahia quando realiza o ritual de sete anos na casa de santo de Mãe Mirinha do Portão em Lauro de Freitas.

Assim, o Terreiro do *Mokambo* filia-se à tradição religiosa bantu, Candomblé Angola, com origem na família Goméia, já que Mãe Mirinha do Portão era filha-de-santo de Joãozinho da Goméia. Dessa forma, o memorial *Kissimbiê* se constitui como um lugar de memória religiosa do Candomblé Angola.

O processo de pesquisa no memorial Kissimbiê iniciou com um visita técnica ao espaço, realização de registro fotográfico seguida de entrevista com o responsável pelo memorial, o sacerdote do terreiro.

Presente na fala de Tata Anselmo está a principal motivação da criação do memorial: *“necessidade de contar as histórias dos meus ancestrais que foram muito combatido durante um período (...)”*⁵. Esta também foi a motivação que levou o sacerdote no ano de 2005 à seleção do curso de Mestrado da Universidade do Estado da Bahia para pesquisar a tradição e o legado bantu.

Se já observamos que uma das grandes motivações para a criação de memoriais em terreiro é o desejo de ter voz e contar a sua história, no

⁴ ONZÓ NGUZO ZA NKISI DANDALUNDA YE TEMPO é o nome religioso do terreiro.

⁵ TRANSCRIÇÃO de Entrevista. p. 08

caso do memorial *Kissimbiê* há um esforço de contar a história da tradição bantu como integrante importante da história do Candomblé.

Historicamente, a contribuição da cultura africana bantu foi subestimada na literatura sobre religiosidade de matriz africana. Os textos acadêmicos e literários elegeram a tradição nagô/ketu como exemplo de tradição religiosa e, em alguns casos, como nos escritos de Edson carneiro e Roger Bastide, a tradição bantu foi deslegitimada.

Assim, o memorial *Kissimbiê* é um lugar de memória religiosa que reivindica contar a sua trajetória enquanto comunidade religiosa para a sociedade e defender a contribuição da tradição bantu para a formação e história do Candomblé. Para a criação e manutenção do projeto o sacerdote resolveu inscrever o projeto do memorial em um edital público da Secretaria de Cultura, tendo recebido verbal federal para a construção do espaço. Na justificativa do projeto também estava presente a ausência de incentivo de políticas públicas para comunidades religiosas fora do eixo dos Candomblés considerados tradicionais de origem nagô/ketu.

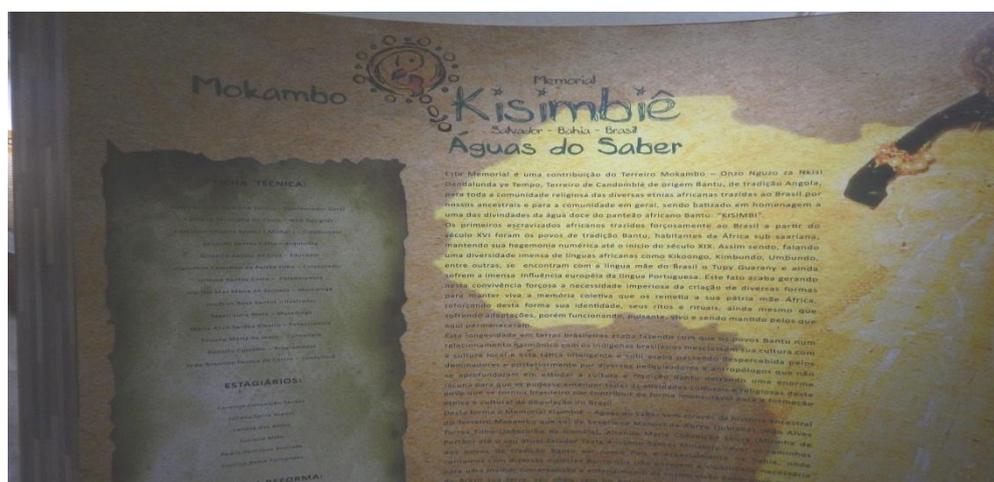
Além da fala de o memorial ter um objetivo específico, em alguns momentos também está presente a ideia de que o memorial pode incentivar mais pesquisas sobre o Candomblé Angola. Surgiu então, segundo Tata Anselmo, a ideia de criação de uma biblioteca dentro do memorial com um espaço para leitura e consulta. Segundo o sacerdote, seria necessário material acadêmico que desse suporte ao que o museu reivindicava: a riqueza e a complexidade da cultura bantu. O acervo de obras de pesquisa são tão importantes no espaço memorial a ponto de Tata Anselmo afirmar que a maior riqueza do seu acervo são os trabalhos de pesquisa sobre a tradição bantu reunidos na biblioteca.

Um painel divide os ambientes da sala e contem a ficha técnica dos colaboradores do espaço. Ao lado, um texto de apresentação do memorial que define conceitos e motivações. Ele parte de uma explicação sobre a chegada dos primeiros africanos escravizados no

Brasil, de origem bantu, sua importância cultural e enfatiza a sua invisibilidade quando o assunto é matriz africana no Candomblé.

Uma das razões oferecidas sobre essa invisibilidade relaciona-se ao contato e posterior sincretismo entre os africanos bantus e os indígenas. Conceituando este sincretismo como uma “tática inteligente e sutil”, a apresentação afirma que há grande lacuna na história dos povos de origem bantu pois pesquisadores negaram-se a se dedicar a essas vivências sincréticas, privilegiando as que consideraram “puras”.

Está expresso no texto que o memorial Kissimbiê tem como objetivo contar parte dos caminhos dos povos de tradição bantu partindo da história ancestral do terreiro Mokambo.



Após o texto de apresentação, vemos o livro de assinaturas dos visitantes e inicia-se a exposição do acervo do memorial com a figura expoente do caboclo Pena Dourada. Iniciar a exposição com a presença de um manequim de roupa representando um caboclo, com as suas vestes, não é um fato banal analisando o contexto total da proposta do memorial. É algo relevante que marca uma identidade sobre o Candomblé Angola, de origem Goméia, que tem a figura de um espírito de indígena como elemento diferenciador, já que as demais nações de Candomblé negam essa ligação sincrética.

A negação aos cultos de caboclo pelos candomblés considerados tradicionais chegou ao ponto de no início do século XX religiosos e

pesquisadores se referirem à essas práticas como “candomblés de caboclo”, diferenciando-se dos candomblés que se autodenominavam puros, ou seja, livre de influências culturais que não fossem africanas de origem nagô.

Este candomblé de caboclo, considerado por Édison Carneiro “um processo sincrético afro-ameríndio”, fazia parte de um conjunto de práticas religiosas consideradas menores, porque sincréticas, por parte dos grupos religiosos tradicionais e entre os terreiros acusados como sendo de candomblé de caboclo estavam os terreiros de dois importantes sacerdotes baianos que possuem trajetórias polêmicas: Jubiabá e Joãozinho da Goméia. Os dois sacerdotes que constroem o início da árvore ancestral do terreiro Mokambo.

Assim, a exposição inicia-se marcando identidade com memórias específicas e mostrando qual história pretende contar. Sem dúvidas, uma história bem pouco lembrada até o momento.

No decorrer da escrita sobre o memorial *Kissimbiê* para a pesquisa, outras peças do acervo trarão inspirações para pensarmos as escolhas dos temas que a comunidade elegeu para representar sua história. Na museologia, chamam-se estas peças de “objetos geradores”. Objetos que geram questões aos pesquisadores.

A vestimenta de uma entidade religiosa ao entrar no espaço expositivo perde as suas funções originais e passam a expressar outros valores, de acordo com as concepções de quem a expõe. Certamente o objetivo do memorial *Kissimbiê* ao iniciar sua exposição com a representação do caboclo não é o de apenas apresentar como se vestem as entidades no contexto ritual no terreiro do *Mokambo*.

A imagem imponente do caboclo é um objeto gerador que remete a história e a memória do Candomblé. E esta é uma história conflituosa pois envolveu e ainda envolve processos de legitimação, discursos de pureza e debates sobre hierarquização étnica. Assim, abrir a exposição sobre uma comunidade religiosa de candomblé com um caboclo é um

ato comunicativo relevante para análise. Comunica a identidade desse terreiro e a importância que o tema possui para a sua história. Mesmo que o visitante não perceba essa nuance, as vozes silenciosas se apresentam como uma leitura possível.

Os processos de musealização e sua relação com os museus comunitários

A iniciativa de criação de memoriais dentro de terreiros ainda será analisada a partir do amadurecimento da pesquisa. Os dados iniciais e específicos para o caso do memorial Kissimbiê oferecem reflexões relevantes para esta questão.

Pensar a prática da musealização nas comunidades-terreiro remete, primeiramente, à estratégia de preservação física do espaço. Possuir um memorial confere status ao local por ser uma instituição cultural de ensino e pesquisa, por vezes teve origem através de editais públicos de órgãos governamentais.

Ampliando o sentido, a estratégia de preservação também relaciona-se com o desejo de preservar aquilo que não é perceptível fisicamente, a memória.

Marília Cury⁶ parte da ideia que a musealização pode ser entendida como a valorização dos objetos através da seleção para integrar uma coleção. Musealizar é atribuir valores. E são esses valores que a pesquisa se interessa analisar através de uma metodologia que engloba pesquisa bibliográfica e história oral.

Ao musealizar objetos é atribuído a eles a função também de documento através do processo de selecionar, preservar e divulgar:

“Tais processos (...) exprimem na prática a crença na possibilidade de construção de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos

⁶ CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade maior e mais complexa”⁷.

Acredito que cada museu selecionado para análise do projeto possui esta síntese complexa que expressa, ao final, a sua fala sobre a sua própria história.

BIBLIOGRAFIA

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Revista Museologia e Patrimônio*. PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013. p.101

LOUREIRO, M. L. N.M. Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema. In: SEMINARIO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EM MUSEOLOGÍA, 3. Madrid, 2011. Disponível em: <http://www.siam2011.eu/wp-content/uploads/2011/10/Maria-Lucia-de-Niemeyer-ponencia-Draft.pdf>

SOARES, Bruno C. B. SCHEINER, Terza C.M. As ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. *Anais do X ENANCIB*. João Pessoa : Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação , 2009.

⁷ LOUREIRO, M. L. N.M. Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema. In: SEMINARIO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EM MUSEOLOGÍA, 3. Madrid, 2011. Disponível em: <http://www.siam2011.eu/wp-content/uploads/2011/10/Maria-Lucia-de-Niemeyer-ponencia-Draft.pdf> . Acesso em: 15/10/2015 30 out. 2011.